

Movimento Popular e Histórico de Canudos: Poéticas orais da cultura popular representadas nas músicas do Padre Enoque Oliveira

Lucicleide Guimarães Ribeiro (PÓS-CRÍTICA/UNEB)¹

Resumo: Trata-se de uma arqueologia das poéticas orais na cultura popular, com destaque para as músicas compostas pelo Padre Enoque Oliveira como instrumentos intermediários da voz do povo camponês do Movimento Popular e Histórico de Canudos na luta por espaço e pelo não silenciamento. Construções poéticas que trazem o poder da politização dos camponeses na luta pela terra, por liberdade e contra as injustiças sociais, além de demonstrar a religiosidade do sertanejo consciente de que a culpa do atraso planejado no sertão não é de Deus nem diabo e que a luta é um eterno devir pela libertação do oprimido. Objetiva demonstrar a representatividade histórica, política e religiosa por meio das poéticas orais na cultura popular nas canções do Padre Enoque. Tecendo os signos, através de uma revisão bibliográfica, tendo como referências principais Zumthor (1997), Oliveira (1997), Costa (2018), o texto traz as representações de um movimento social por meio da semiótica da poética oral e da simbologia poética nas canções, apresentada a partir da poética da oralidade no sertão do atraso planejado que tem as músicas do Pe. Enoque como movimento de transgressão, possibilitando a performance do grito por libertação e demarcação de espaços de resistência do povo camponês.

Palavras-Chave: Poéticas orais; Música; Movimento Popular e Histórico de Canudos.

INTRODUÇÃO

O Movimento Popular e Histórico de Canudos² surgiu dentro das comunidades eclesiais de base no início na década de 80 em Monte Santo com a liderança do Padre Enoque José de Oliveira³, natural do Ceará. O padre chega a Monte Santo em um contexto de miséria do povo camponês. A desnutrição e a fome causando a mortalidade infantil; grileiros deixando posseiros sem sequer os terreiros de suas casas para tirar o sustento; igreja pregando para matar a fome do povo com o evangelho da submissão ao poder dominante; promessas vazias do poder público. Essas eram as imagens retidas pelo padre que percebeu a necessidade de pregar um evangelho revolucionário que provocasse naquele povo o desejo de transformação da realidade.

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural (PÓS-CRÍTICA/UNEB), Linha de Pesquisa 1: Literatura, produção cultural e modos de vida. Orientador: Prof. Dr. Osmar Moreira dos Santos. Endereço eletrônico: lucicleide_let@hotmail.com.

² O Movimento Popular e Histórico de Canudos é uma organização social inspirada no Belo Monte e em Antônio Conselheiro. Foi forjado nas comunidades de base do município de Monte Santo-Bahia com a liderança do Pe. Enoque Oliveira que mobilizou camponeses na luta pela terra e por igualdade.

³ Pe. Enoque Oliveira é um esvaziador de signos, líder do Movimento Popular e Histórico de Canudos, escritor, pesquisador e escavador da história de Canudos.

Inspirado na luta camponesa de Canudos, Enoque fez um trabalho de resgate da história e começa a refletir durante as missas os motivos que levaram aqueles sertanejos do Belo Monte a se reunirem em uma comunidade para viver uma vida em igualdade. Porém mexer numa história que já estava encoberta pelas águas para cobrir a vergonha do massacre, geraria conflitos com a imprensa, com os poderosos e com o próprio clero que decide expulsar o padre por se desviar dos propósitos da igreja:

Desse modo, o resgate de Canudos, incorporado à vivência dos camponeses gerou um progressivo afastamento (na praxis) das dioceses ao trabalho de Monte Santo. Envolvida naquele quadro novo que o clero não desejava, a Igreja viu-se entre a cruz e a espada: ou apoiava o trabalho das comunidades de Monte Santo associado ao resgate de Canudos e se expunha a um embate aberto e claro com a justiça, latifundiários, políticos, ou se juntava a eles para combater o trabalho. Optou-se pela saída de 1897 (OLIVEIRA, 1997).

O Movimento de Canudos⁴ segue independente, o povo escolhia de que lado ficava e Pe. Enoque conta como era a pressão para que o povo abandonasse a luta:

Na década de noventa o movimento seguiu seu caminho tortuoso. A macambira ardeu nos confrontantes da luta. A terra tostada das imburana tremeu na sola de nossas pisadas. Pois foi nas dificultosas assembléias nas roças à sombra dos umbuzeirais que resistimos. Vimos os novos jaguncinhos atacados. Os camponeses "alugados" para fazer catequese. O catecismo substituindo o furor evangélico. O cerco apertando do adro da Santa Cruz: não casa, não batiza quem é do movimento. E como o batistério é o documento válido da aposentadoria. Ah! Como é difícil manter o camponês no trabalho popular (OLIVEIRA, 1997).

Como os movimentos sociais são para os que têm coragem, os sertanejos calejados, sofridos e marginalizados continuaram na luta. No momento de batalhas ao som da canção das comunidades eclesiais de base, nascida no seio das massas, o coração do povo pulsa e em um só grito. Todos cantam:

Já chega de tanto sofrer
Já chega de tanto esperar
A luta vai ser tão difícil
Na lei ou na marra
Nós vamos ganhar⁵

É possível imaginar, ao ouvir esta música, a movência do corpo e da voz em ação, o efeito da presença dos corpos dos que já não estão mais entre nós, mas que ainda inspiram o desejo de um sertão mais justo:

⁴ Sempre que citar o termo Movimento de Canudos estou me referindo ao Movimento Popular e Histórico de Canudos.

⁵ Esta canção é de domínio público, nascida nas comunidades eclesiais de base. Entre as músicas que aparecem no texto que eram cantadas no Movimento de Canudos e na igreja, esta é a única que não é de autoria do Padre Enoque.

[...] Ora, a voz é querer dizer e vontade de existência, lugar de uma ausência que, nela, se transforma em presença; ela modula os influxos cósmicos que nos atravessam e capta sinais: ressonância infinita que faz cantar toda matéria... (ZUMTHOR, 1997, p.11).

Os sertanejos já não se assujeitam mais ao sistema, o signo é o da libertação. Com as mãos calejadas, eles encontram na união a força para lutar pela sobrevivência. Sua voz é seu instrumento de enfrentamento. Nada mais cala um povo revolucionário.

O povo se rebela, se articula, cria estratégias de resistência através do trabalho coletivo, assim como em Canudos. Porém as organizações sociais incomodam e provocam os poderes dominantes que trabalham para exterminar violentamente qualquer possibilidade de enfrentamento. O Movimento de Canudos, com a liderança do Padre Enoque, colocava em risco todo o projeto engendrado pelo governo em se aliar a instituições como a igreja como instrumento de manipulação para manter o *atraso planejado*⁶ e a alienação.

Através de uma pesquisa bibliográfica, escolhida para a condução deste trabalho, compartilho a semiose das poéticas orais da cultura popular, à luz de aportes teóricos de Zumthor (1997), Oliveira (1997), Costa (2018) e outros, além das minhas vivências como mulher camponesa do Movimento de Canudos. Partindo deste embasamento, espera-se responder a questão deste trabalho: Como as poéticas orais da cultura popular se representam nas canções do Padre Enoque Oliveira?

Para isso, inicialmente será apresentada a poética da oralidade no sertão do atraso planejado mostrando as músicas do Pe. Enoque como instrumento intermediário da voz do povo no grito por libertação e, em seguida, mostra a representatividade histórica, política e religiosa nas canções que são utilizadas para demarcar espaços de resistência do povo camponês. Dessa maneira, deseja-se cumprir com o objetivo deste trabalho que é demonstrar a representatividade histórica, política e religiosa por meio das poéticas orais na cultura popular nas canções do Padre Enoque.

Poética da oralidade no sertão do atraso planejado

Através da poética da voz é possível se rebelar, transgredir, transmitir sentimentos e emoções, narrar memórias individuais e coletivas adquiridas na interação social. O modo de vida de um povo, suas lutas, sua forma de organização em comunidade, o contexto social, a

⁶ Conceito utilizado pelo Padre Enoque José de Oliveira em suas palestras e em seus textos produzidos para as Celebração Popular pelos Mártires de Canudos com a intenção de problematizar o massacre do povo camponês como projeto das classes dominantes.

visão de mundo de cada sujeito se revelam na poética da oralidade. Ao narrar um fato através de uma música, o compositor mobiliza o corpo, a memória e a linguagem do receptor.

No sertão do analfabetismo, a música vem como uma decodificação do mundo, pois o sujeito não precisa saber ler para memorizar uma música. Ele tem acesso a um texto, o reconhece pela voz de alguém e interpreta de acordo com sua visão de mundo. Os camponeses, em sua maioria analfabetos, tinham acesso às músicas como um instrumento de elevação do conhecimento e “[...] Nota-se que nunca frequentaram escola, porque em Monte Santo, como no sertão de Canudos, o analfabetismo impera qual praga devoradora”(OLIVEIRA, 1997). O que não impedia seu exercício crítico cultural, pois na luta eles aprendem a ampliar a visão de mundo, a transformar a realidade em que vivem “onde mesmo sem escolaridade, elaboram uma visão crítica de seu país, da exploração do sertão e expressam a convicção de que só pela luta e união, acreditam realizar os seus sonhos” (OLIVEIRA, 1997).

Conseguem situar o seu mundo, o estado, a terra, personagens bíblicos. Distinguem o que é oficial do popular e exprimem a consciência da origem das guerras, da grilagem da exploração dos impostos, da ação violenta da polícia e de como o estado os desrespeitam (OLIVEIRA, 1997).

O analfabetismo é planejado para encabrestar o sujeito, idealizado principalmente para o povo camponês esquecido no sertão árido sem direito a terra, a água, à vida digna. Mas o povo organizado dobra o poder, denuncia, se rebela através das poéticas orais. A literatura também é dos que não sabem decodificar as letras, mas que sabem ler o mundo. Através das narrativas presentes nas músicas, os camponeses do Movimento Popular e Histórico de Canudos conheceram a história da guerra, a força do sertanejo canudense, denunciaram os poderes religiosos, políticos e latifundiários instituídos no município de Monte Santo e elevaram seu conhecimento, instrumento tão importante para a libertação:

[...] Elaborando uma nova leitura de Deus e do sertão, inspirados na realidade material e religiosidade popular, puderam explicitar sua visão do Canudos do Vaza-Barris. Interpretando, teorizando, levantando hipóteses e aproximando-se da "verdade histórica" do movimento conselheirista (OLIVEIRA, 1997).

O padre militante chega num contexto de injustiça, onde os coronéis ditavam as regras e ainda utilizavam a igreja como instrumento de manobra das massas. O Movimento de Canudos se inspirava na história de luta dos sertanejos resistentes da guerra de Canudos para mobilizar os camponeses a lutarem por suas terras, a lutarem contra o atraso planejado e a música, *Deixem-me viver*, é um grito de liberdade e esperança do povo oprimido:

Deixem-me viver
Deixem-me falar
Deixem-me crescer
Deixem-me organizar
Quando eu vivia no sertão
Aos pés de quem devia me mandar
Gemia calo e dor nas minhas mãos
A canga era pesada pra levar
Aí apareceu pelo sertão
Um monte que passou a cativar
Tão belo juntou o povo irmão
Patrão e opressor não tinha lá.
Canudos outra vez vai florescer
A vida como um galho vai frondar
A luta pela terra gera o pão
Amores vão de novo começar.
Canudos se espalhou pelo país
Embora os tubarões queiram morder
Nas roças e nas vilas o que se diz:
O povo organizado vai vencer.

Essa música tornou-se um hino no Brasil inteiro. Vários movimentos sociais cantam em momentos de batalhas, movimentando multidões com esse grito de libertação: “Deixem-me”. Deixem-me, através da luta, do suor, da mão calejada, através do exemplo da luta dos camponeses de Canudos e de Antônio Conselheiro transgredir o poder dominante.

O resgate da história de Canudos era um dos objetivos do Padre Enoque Oliveira. Para ele era necessário denunciar esse massacre, porém, mais importante do que a denúncia, era inspirar-se na luta de Conselheiro e mobilizar os camponeses do mesmo sertão injustiçado para enfrentar os signos da dominação.

Um dos momentos mais marcantes do início do Movimento foi a celebração da primeira missa de Canudos em 28 de julho de 1984. Todos os olhares se voltaram para Canudos e para a paróquia de Monte Santo naquele momento. A imprensa reagiu, mobilizando as opiniões sobre o resgate da história, tentando impedir a realização da missa:

A 26 de julho de 1984, véspera da realização da missa, o Jornal A Tarde, desponta com o editorial "Preparando a Guerrilha" diz "Infelizmente alguns sinistros personagens do chamado clero engajado pensam de forma diferente e apresentem os fatos como consumados e definitivos servindo para seus objetivos políticos ideológicos, porém abrindo uma frente de divergências com as Forças Armadas(mais precisamente o Exército que enfrentou Canudos) num momento de instabilidade política nacional e tendo como cenário a região que se apresenta como a maior vítima da atual crise econômica do país: o nordeste, e, no coração do nordeste, o tórrido sertão da Bahia (OLIVEIRA, 1997).

As manifestações contrárias a realização da missa não impediram que ela fosse realizada, e a multidão, liderada pelo Padre Enoque, cantava numa só voz, num só corpo, numa só alma a música “Canudos não morreu”. “A multidão inaugurava uma nova fase da religiosidade profética proclamando as tábuas das leis e decretos do novo Canudos do Povo”(OLIVEIRA, 1997).

Alegria povo meu
Pois Canudos não morreu
Está vivo na união
Tá na fé no coração
No coração
Tá no homem na mulher
Tá na flor da minha fé
Tá na terra na alegria
No amor na rebeldia
Pois Canudos uma paixão
Uma luta um sonho bom
Um caminho, um sacrifício
Pra vencer o precipício.

Canudos não tinha morrido, estava na esperança daquele povo, estava na resistência, na inspiração dos sertanejos que sempre ocuparam os mesmos espaços de marginalização. Para Enoque essa história não podia ficar sepultada sob as águas do açude do Cocorobó ou sob a interpretação tendenciosa da ideologia dominante, reduzindo a luta daquele povo em fanatismo, nem ficar preso nos círculos universitários e no âmbito elitista dos estudos de história. A luta tinha nascido do povo e tinha que voltar para o povo com a versão do vencido, não do vencedor. Era necessário desconstruir uma imagem criada para deslegitimar a resistência de Canudos. O povo precisava se reconhecer naquele espaço de exploração para alimentar a coragem para reagir e sair da condição de subalternizado.

As notas musicais dão vida ao clamor dos excluídos, demonstram a utopia sertaneja que sonha com a ruptura da sociedade existente e imagina uma sociedade sem opressão com igualdade e justiça assim como a comunidade de Antônio Conselheiro. A música é a poesia em movimento que tem o poder de representatividade.

A música como poder de representação histórica, política e religiosa

As canções são poesias em movimento que promovem a dança literária das palavras e intermedeiam a voz. As canções de Canudos são instrumentos intermediários para externar o sentimento e a voz silenciada. Pela música, foi possível perceber a força dos camponeses ao resistirem às tentativas de silenciamento.

As músicas trazem narrativas que demarcam território porque “[...] Narrar é dizer quem se é, de onde se fala e o que se quer tornar público a respeito de determinado grupo ou indivíduo. Desse modo, as narrativas revelam identidades” (COSTA, 2018, p. 203). O povo do Movimento de Canudos se reconhecia enquanto grupo organizado que não se dobrava para nenhuma forma de poder. Sua identidade de sujeitos dotados de uma consciência crítica construída nas organizações sociais era o que os diferenciava dos demais grupos.

[...] um saber-fazer e de um saber-dizer, a performance manifesta um saber-ser no tempo e no espaço. [...] É pelo corpo que nós somos tempo e lugar: voz proclama emanção do nosso ser. [...] é por isso que a performance é também instância de simbolização: de integração de nossa relatividade corporal na harmonia cósmica significada pela voz; de integração da multiplicidade das trocas semânticas na unicidade de uma presença (ZUMTHOR, 1997, p.157).

Ao se mobilizarem na luta pela terra, os camponeses caminharam sem medo ao lado da morte com jagunços preparados para impedirem o *vento forte* como era chamado o corte de arames das cercas dos poderosos que barravam a passagem dos sertanejos para uma vida melhor. Nas assembleias eram traçadas estratégias de enfrentamento aos grileiros que se apossavam das terras dos pequenos posseiros e todos cantavam a música, *Querem cercar o sertão*, com muita força e sintonia:

Querem cercar o sertão
Querem vender o país
Querem botar num curral
O povo simples como animal.
Nós deixa?
Nós não deixa não!
Seja o que Deus quiser
Canudos quem vai mandar
Venha donde vier
O vento forte
É quem dirá
A gente quer o melhor
Tem sonhos que vão no além
O jeito é ficar feliz
Canudear é querer bem

Numa linguagem simples do povo, Enoque provoca com um “nós deixa, nós não deixa não” para mostrar seu respeito pela cultura, pela identidade e pelos meios de produção daquele povo sertanejo. Nessa música, além do respeito as variedades linguísticas, o compositor ainda forja um novo verbo. O verbo Canudear é significado como querer bem. Canudear é querer bem ao próximo, trabalhar em igualdade, comunhão e partilhar os frutos das conquistas. No mesmo tom de enfrentamento a música, *O sertão vai virar mar*, os

camponeses demonstram que não aceitarão mais o atraso planejado e que o caminho para vencer as batalhas é a união:

Se o sertão vai virar mar
E se o mar virar sertão
Eu vou ter água
Pra molhar meu coração
Já chega de seca, de fome
de atraso, de tudo
Já chega de dor de miséria
De tudo o que deu
Já chega de promessas
Já chega de ilusão
Já chega de sofrer
Já chega de opressão
Espero um novo dia
O mundo vai brilhar
Juntando os nossos pulsos
O povo vencerá!

A religiosidade continuou sendo um traço forte do Movimento de Canudos. O padre, mesmo expulso, continuou pregando o evangelho, se afastando dos dogmas da igreja e pregando o evangelho da libertação, da revolução pela palavra. As músicas se tornaram o catecismo do povo. As músicas têm as características da evangelização pregada pelo Pe. Enoque, trazendo a fé associada aos problemas sociais, juntando forças para transformar a realidade. A multidão soltava a voz na esperança de ser ouvida pela mãe de Jesus, *Maria dos povos*:

Ah, ave, ave (bis)
Maria dos povos/ da América Latina
Feridos do sul ao caribe latino
Maria teu nome, nos mares e serras
É vida é promessa de paz nestas terras
Maria da fé/ e mãe da pobreza
Dos trabalhadores que a ti te festejam
Liberta os negros, os índios nativos
Que te reconhecem, mãe dos oprimidos
Maria da paz, teu canto é notícia
É luz é protesto, contra a injustiça
Nos fóruns do mundo, ensina a verdade
Nas roças dos povos planta liberdade

Cada corpo presente nas assembleias tinha um peso e uma representação política. Corpos que sofrem com diversas formas de violência e encontram na voz, na poética musical

e na força da coletividade o poder para abalar as estruturas de opressão. Corpos movidos pela fé e esperança por justiça e por dias melhores.

O Movimento de Canudos, mesmo com dificuldades enfrentadas pela falta de estrutura, de apoio e incentivo à cultura, ainda realiza a Celebração Popular pelos Mártires de Canudos que já completa 39 anos. Ao entardecer, para finalizar a celebração todos cantam o *Adeus dos beatos*:

Quando o sol cai em Canudos
E a lua vem nascer
Cantoria no açude
Lembrando de você.
É a saudade que vai
Por todo amor de voltar
Levo cambaio no peito
Diz o tempo que a dor faz reclamar.
Adeus Cocorobó
Até o ano que vem
Abençoa os guerreiros
Os beatos Deus amém.

Todos cantam se despedindo das almas inundadas que ainda inspiram resistência para os camponeses que renovam suas forças em cada Celebração e rezam pedindo a Deus, ao Conselheiro e aos conselheiristas, coragem para o enfrentamento diário do sofrimento sertanejo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através das canções cantadas no Movimento de Canudos são manifestadas vozes poéticas capazes de se posicionar politicamente como forma de reivindicar os direitos e de contestar as injustiças praticadas no sertão. O sertanejo canta, usando a voz como instrumento de poder político com a intenção de desestabilizar os discursos de grupos hegemônicos como o clero, os latifundiários e o poder político de Monte Santo.

As canções apresentadas esvaziam um discurso religioso de um evangelho burguês que está a serviço do poder e trazem o evangelho da libertação. São poesias em movimento que deslocam a palavra de Deus para a realidade do povo camponês.

O poder representativo das canções traz à tona a história de Canudos e de todos os sertanejos em condição de subalternidade, traz também a história da sua resistência e da eterna labuta contra um sistema hierarquizado que oprime. Mostra o poder da politização dos camponeses na luta pela terra, por liberdade e contra as injustiças sociais. Além de demonstrar

a religiosidade do sertanejo consciente de que a culpa do atraso do sertão não é de Deus, mas em sua fé ele pede pela libertação do oprimido.

As lutas diárias inspiravam o Pe. Enoque a compor novas músicas. As narrativas daquele povo sofrido eram a fonte de novas composições. Assim se realizam as poéticas orais nessa cultura popular, pois as canções são frutos do eterno devir da luta camponesa.

REFERÊNCIAS

COSTA, Edil Silva. **Vozes, performances e arquivos de saberes/** Organizado por Edil Silva Costa, Frederico Augusto Garcia Fernandes e Nerivaldo Alves Araújo. – Salvador: Eduneb, 2018.

OLIVEIRA, Enoque José de. **Movimento histórico de Canudos.** Revista Canudos - Salvador, UNEB. v. 2n.2,1997.

ZUMTHOR, Paul. **A Performance. In: Introdução à poesia oral.** Trad. Jerusa Pires Ferreira et al. São Paulo: Hucitec, 1997.